

DESENHOS INFANTIS NARRADOS – EM BUSCA DO REPERTÓRIO CULTIVADO

BRUNA DANDA DA SILVA¹; MARISTANI POLIDORI ZAMPERETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – brunadandas@gmail.com¹

²Universidade Federal de Pelotas – maristaniz@hotmail.com²

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi proposta pela disciplina de Artes Visuais na Educação I, do curso de Artes Visuais – Licenciatura (UFPel), como uma forma de estudar o grafismo infantil, partindo da coleta e análise de produções de desenhos. Tendo como objetivo observar o repertório infantil cultivado das crianças e a maneira como elas transpõem seu conhecimento para o desenho percebe-se que

[n]os desenhos das crianças do mundo todo, há similaridades em configurações em relação à figura humana, à casa, às plantas etc. Há um esqueleto estrutural semelhante entre as criações infantis. Embora aconteçam temáticas universais em seus desenhos, elas também mostram diferenças quanto às influências culturais distintas, informando suas experiências individuais, de modo pessoal (SANS, 2009).

A ideia apontada por SANS (2009) promoveu a dúvida de como seria o desenvolvimento gráfico infantil de crianças inseridas em meios sócio-histórico-culturais diferentes. Assim, pretendeu-se analisar o grafismo infantil através de duas ações em momentos distintos, com duas crianças de faixas etárias diferentes, sendo uma moradora da cidade e outra do campo.

Valendo-se dos momentos conceituais do desenho sugeridos por IAVELBERG (2006), onde Ação, Imaginação I, Imaginação II e Apropriação são transformações ocorridas no grafismo infantil que partindo de gestos, geram símbolos, após, reverberam em imagens chegando às figurações, depreende-se que a evolução do desenho se relaciona com o crescimento da criança e a sua percepção visual.

O desenho para [a criança] é AÇÃO (física e reflexiva) que produz algo para ser visto. Inicialmente é gesto, que pouco a pouco é coordenado com o olhar e o equilíbrio do corpo todo. Progressivamente os rabiscos são transformados em [...] símbolos. Tais coisas, no início, são desenhadas separadamente na superfície, desarticuladas entre si, justapostas. A este momento conceitual nomeamos desenho de IMAGINAÇÃO I. Aos poucos o desenhista articula esses símbolos em imagens narrativas. [...] A criança agora pensa que pode desenhar o que quiser e que muitas coisas podem aparecer nos seus desenhos. Coisas que existem e coisas que não existem. A este momento conceitual chamamos IMAGINAÇÃO II. [...] Isso significa que busca desenhar como se vê usando as regularidades da cultura de desenhos ou os códigos da linguagem, apropriando-se deles. [...] Neste momento a criança percebe com mais clareza que o desenho existe no seu meio e percebe as diferentes formas de estruturação deles (IAVELBERG, 2006).

¹ Acadêmica do curso de graduação em Artes Visuais Licenciatura e Técnica em Design de Móveis pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense.

² Doutora em Educação, Professora no Centro de Artes na área de Fundamentos do Ensino de Artes Visuais e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (UFPel).

2. METODOLOGIA

Através de uma pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, que pretende investigar um fenômeno complexo e real, apresento a seguir uma breve descrição das atividades de ensino realizadas com as crianças. A proposta se desenvolveu com dois meninos, em suas residências; um morador da zona rural da cidade de Morro Redondo e outro da zona urbana da cidade de Pelotas, ambas no Rio Grande do Sul. Levando em consideração o fato de um menino frequentar a escola e o outro ainda não, solicitei que realizassem o desenho de tema livre, utilizando materiais fornecidos pela pesquisadora. Desde a escolha do material à feitura do desenho foram sendo indagados de suas, bem como se estavam satisfeitos e se queriam ainda produzir mais ou complementar o desenho.

Primeiramente a atividade foi realizada em maio de 2015 com o João, um menino de três anos e dez meses que ainda não frequenta a escola. O local escolhido para a realização da atividade foi a mesa da cozinha, onde foram dispostas folhas de ofício tamanho A4 (297x210mm) e giz de pastel oleoso coloridos. Posteriormente, a atividade foi realizada em junho de 2015 com o Thiago, um menino de seis anos, frequentador do 1º Ano em uma escola particular. Utilizando o mesmo local e recursos materiais além de lápis de cor, caneta hidrocor e tinta guache.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Justificando o título desta pesquisa: durante a realização do desenho, o menino da zona rural foi contando uma história, uma narrativa dos elementos da sua composição. Isso demonstra que nessa fase de desenvolvimento, eles ainda mesclam a realidade com a ficção na tentativa de trazer ao mundo visível o seu imaginário, acordando com o que Susana Rangel Vieira da Cunha afirma:

Expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando uma outra forma ao percebido e vivido.[...] a criança faz comentários verbais sobre o que irá registrar. A fala passa a acompanhar o registro antes, durante e depois da execução do trabalho.[...] As crianças, ao se expressarem através da linguagem visual, desejam contar suas histórias, seus pontos de vista sobre sua realidade (CUNHA, 1999).

Perguntado sobre o que ele gostaria de desenhar o mesmo respondeu “uma galinha”. Pediu-me que desenhasse primeiro e após ver o resultado do meu desenho começou a esboçar o seu. Desenhou a galinha e os ovos, depois acrescentou uma escada e disse que a ave estava subindo. Repetiu a escada e fez uma porta, então desenhou um homem com chapéu que ia pegar os ovos. Próximo ao homem desenhou uma caixa para as galinhas e uma escada pequena para os pintinhos. Depois fez uma caixa grande para as galinhas ficarem encerradas e não caçarem, a mesma caixa abriga cachorros e também cabem galinhas e pintinhos (Figura 1). Durante a feitura dos desenhos ele foi perguntado se gostaria de trocar de folha, mas preferiu continuar desenhando na mesma. Após terminar de pintar a caixa grande, pediu que contornasse a mão dele.

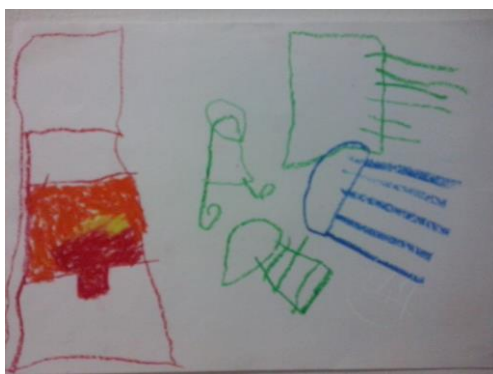


Figura 1: Primeiro desenho do João

Numa abordagem diferente, o menino morador da zona urbana pediu para aprender a desenhar um pássaro, comecei mostrando um passo a passo, fazendo uma forma que ele pudesse identificar, e juntos realizamos a atividade cada um produzindo o seu desenho. Em seguida preenchemos a figura e o seu entorno. Perguntei qual pássaro ele conhecia que possuía as cores que havia pintado (laranja e amarelo), ele respondeu que o tucano era laranja, preto e branco (Figura 2). Entre um rabisco e outro eu o indagava sobre suas preferências ele disse que gostava de desenhar prédios e que sua cor favorita é o azul.

Aos poucos ele foi propondo o que iríamos desenhar, então, espontaneamente sugeriu que desenhássemos um boneco a partir de formas geométricas. Não quis trocar de folha, pois dava para continuar desenhando no verso. Ele foi desenhando automaticamente e eu interagia dizendo o nome de cada forma. Para pintar o fundo ele escolheu a cor marrom, e num momento de descontração brinquei dizendo que o meu céu era de chocolate, ele riu (Figura 3).



Figura 2: Primeiro desenho do Thiago



Figura 3: Segundo desenho do Thiago

Depois usando outra folha, começou a desenhar um prédio, utilizando giz pastel oleoso (Figura 4), material que ele ainda não conhecia e acabou descobrindo algumas misturas de cores. No verso manifestou o desejo de aprender a desenhar um carro. Finalmente para encerrar a atividade ele quis desenhar com tinta, eu não havia levado esse material, porém ele tinha e quis usar. Acabou desenhando um sol e nuvens.



Figura 4: Terceiro desenho do Thiago

Assim, a análise do resultado se baseia na interpretação do desenho com a narrativa da própria criança onde se percebe a tentativa de comunicação e aproximação do desenhista com o leitor, no intuito de tornar o desenho mais claro e compreendido.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que em ambos os casos os elementos gráficos são representações do seu cotidiano com uma história que retrata as rotinas em casa, onde o processo vivencial se torna criativo. Como uma maneira de talvez se fazer entender melhor ou simplesmente a necessidade de ultrapassar os limites da folha e poder exteriorizar a imaginação.

Como assegura IAVELBERG (2006), “[n]o desenho cultivado pensamento e fazer são um só corpo”, percebe-se então uma estrutura narrativa e cotidiana nos seus desenhos. Contudo, os seus desenvolvimentos sofrem influência de fontes externas. Na mesma linha, podemos classificar o estágio de desenvolvimento gráfico do João, neste sentido ele se encontra entre os momentos de Ação, Imaginação I e Imaginação II. No entanto o menino Thiago, possui um desenvolvimento gráfico que pode ser identificado como sendo de IMAGINAÇÃO II e APROPRIAÇÃO.

Enfim, outro aspecto relevante a considerar diz respeito a cultura, pois estão inseridos em meios culturais diferentes. Isso está diretamente relacionado às figuras representadas, referenciando esses ambientes, mesmo que tenham acesso ao ambiente um do outro, nos seus desenhos aparecem as características mais comunicativas e expressivas de acordo com as suas percepções.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **Cor som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

IAVELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança. Prática e Formação de educadores**. Porto Alegre: Zouk, 2006.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. **Pedagogia do desenho infantil**. Campinas: Editora Alínea, 2009.